



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Ciência da Informação - FCI

Andrea Sette Albuquerque

Blogs de Biblioteconomia como fontes de informação

Orientador: Emir Suaiden

Brasília

2º/2012

Andrea Sette Albuquerque

Blogs de Biblioteconomia como fontes de informação

Monografia apresentada como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da
Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Emir Suaiden

Brasília

2º/2012

Albuquerque, Andrea Sette.

Blogs como fontes de informação em Biblioteconomia / Andrea Sette

Albuquerque. - 2012.

50 f.: il.

Orientador: Emir Suaiden.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012.

1. Blog. 2. Biblioteconomia. 3. Fontes de informação. 4. Internet. 5. Comunicação. 6. Brasil. I. Albuquerque, Andrea Sette. II. Título.

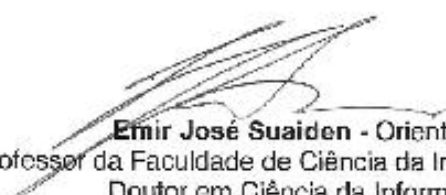


Título: Blogs de biblioteconomia como fontes de informação.

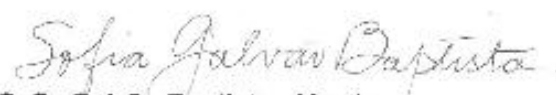
Aluna: Andrea Sette Albuquerque.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.


Brasília, 12 de março de 2013



Emir José Suaiden - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação



Sofia Galvão Baptista - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação



Robson Lopes de Almeida - Membro externo
Professor das Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central (FACIPLAC)
Mestre em Ciência da Informação

Dedico este trabalho ao meu pai, Fausto Albuquerque (*in memoriam*), cujos ensinamentos – inclusive das primeiras letras e palavras –, atenção e carinho foram indispensáveis para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus, pois sem Ele e Sua força nada seria possível.

Em seguida, agradeço à minha mãe, Maria Inês, e a todos os meus familiares, por todo apoio e incentivo dispensados, não somente na realização deste trabalho, mas durante toda a minha trajetória acadêmica.

Agradeço também aos meus amigos, em especial ao César Rebouças, cujo auxílio a mim proporcionado foi imensurável.

Agradeço ao Professor Emir Suaiden, que prontamente se dispôs a me orientar nesta jornada.

E por fim, agradeço ao Professor Murilo Cunha, que gentilmente me concedeu a entrevista que contribuiu para o presente trabalho; e aos alunos de Biblioteconomia que voluntariamente responderam aos questionários.

“O amor e a literatura coincidem na procura apaixonada,
quase sempre desesperada, da comunicação.”

Jorge Duran

RESUMO

Verifica o uso de blogs especializados em Biblioteconomia como fontes de informação por estudantes da área. Primeiro, foi feita uma revisão de literatura que abordou tópicos significantes para um melhor entendimento do assunto. Em seguida, realizou-se pesquisa exploratória, descritiva e aplicada. O instrumento de coleta de dados foi um questionário distribuído aleatoriamente a uma amostra de 50 alunos do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa constatou que a grande maioria dos estudantes questionados utilizam blogs de Biblioteconomia como fontes de informação. Além disso, analisa a opinião do professor, escritor e editor de blogs (“A Informação” e “Biblioteca do Bibliotecário”) Murilo Cunha, a respeito da confiabilidade e relevância dos conteúdos de blogs de Biblioteconomia. Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa através do método de entrevista individual. Extraíndo-se os resultados obtidos, em consonância com a revisão de literatura estudada, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados. Portanto, o presente trabalho trata de um tema importante na atualidade, haja vista a crescente popularidade de blogs no mundo, nas mais diversas áreas, e especificamente na Biblioteconomia, escopo desta pesquisa.

Palavras-chave: Blogs. Biblioteconomia. Fontes de informação. Internet. Comunicação.

ABSTRACT

This work checks the use of blogs specialized in Librarianship as sources of information for students in the area. First of all, it was done a literature review that addressed significant topics for a better comprehension of the subject. Then, an exploratory, descriptive and applied research was done. The data collecting instrument was a questionnaire which was randomly distributed to a sample of 50 students from the School of Library Information Science (FCI) at the University of Brasilia (UnB). The survey found that the vast majority of the questioned students use blogs of Library as sources of information. Besides, it analyses the opinion of Murilo Cunha, who is a professor, writer and blog editor ("The Information" and "The Library of the Librarian"), about the reliability and relevance of the contents of librarian blogs. To do so, qualitative research was conducted by the method of individual interview. Extracting the obtained results, according to the literature review that was studied, we conclude that the proposed objectives were achieved. Therefore, this work deals with an important theme nowadays, due to the increasing popularity of blogs in the world, in the most varied areas, and specifically in the Library, which is the scope of this research.

Keywords: Blogs. Librarianship. Sources of information. Internet. Communication.

Lista de siglas e abreviaturas

a.C. – Antes de Cristo

ARPA – *Advanced Research Projects Agency* (Agência de Pesquisa de Projetos Avançados)

Arpanet – *Advanced Research Projects Agency Network* (Rede da Arpa)

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CMC – Comunicação Mediada por Computador

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico

EUA – Estados Unidos da América

FCI – Faculdade de Ciência da Informação

Html - *HyperText Markup Language* (Linguagem de Formatação de Hipertexto)

IBM – *International Business Machines* (Máquinas Comerciais Internacionais)

IP – *Internet Protocol* (Protocolo de Internet)

NSF – *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência)

NSFNET – Rede da NSF

RNP – Rede Nacional de Pesquisa

TCP – *Transfer Control Protocol* (Protocolo de Controle de Transmissão)

UnB – Universidade de Brasília

URL - *Uniform Resource Locator* (Localizador-Padrão de Recursos)

WWW – *World Wide Web* (A tradução literal seria: Ampla Teia Mundial)

Lista de figuras e gráficos

Figura 1: Modelo de comunicação de Berlo, 1972.....	21
Figura 2: Modelo de comunicação de Lasswell, 1948.....	21
Figura 3: Modelo de comunicação de Shannon e Weaver, 1949.....	21
Figura 4: Modelo de comunicação de DeFleur, 1970.....	22
Figura 5: Modelo de comunicação de Tubbs; Moss, 2003.....	23
Figura 6: Interface do blog “A Informação”	39
Gráfico 1: Leitura de blogs.....	45
Gráfico 2: Frequência de acesso a blogs de Biblioteconomia.....	45
Gráfico 3: Utilização de blogs de Biblioteconomia para pesquisas....	46
Gráfico 4: Relevância em blogs de Biblioteconomia.....	46
Gráfico 5: Blogs de Biblioteconomia mais acessados.....	47

Sumário

1 Introdução.....	13
2 Justificativa e problema.....	14
3 Objetivos.....	15
3.1 Objetivo geral	15
3.2 Objetivos específicos.....	15
4 Revisão de literatura.....	16
4.1 Dado, informação e conhecimento	16
4.1.1 Dado	16
4.1.2 Informação.....	16
4.1.3 Conhecimento	18
4.2 Comunicação.....	19
4.2.1 Modelos de comunicação.....	20
4.2.2 Fluxo de informação.....	23
4.2.3 Fontes de informação	24
4.3 Biblioteconomia.....	27
4.3.1 História da Biblioteconomia	28
4.3.2 Perfil do Bibliotecário	30
4.4 Internet.....	32
4.4.1 História da Internet	33
4.4.2 Comunidades virtuais	35
4.4.3 Desafios da virtualidade	36
4.5 Blogs	38
4.5.1 Classificação dos blogs	40
4.5.2 História dos blogs	41
4.5.3 Blogs aplicados à Biblioteconomia	41
5 Procedimentos metodológicos	43
6 Desenvolvimento.....	44
7 Análise dos dados.....	45
8 Conclusão.....	49
9 Referências	50
Apêndice A - Questionário	54
Apêndice B - Entrevista	55

1 Introdução

Comunicar-se sempre foi uma necessidade inerente ao ser humano, até mesmo para sua própria sobrevivência e de seu grupo, o que levou à criação da fala. Mais tarde, porém, apenas repassar a informação oralmente não era suficiente, surgindo a necessidade de armazená-la. Seja através de desenhos rupestres em pedras, seja em escrituras em tabuletas de argila, rolos de papiro ou pergaminhos, a informação era constantemente transmitida ao longo da história.

Desde o século XV, quando foi inventado, até hoje, o livro é o suporte de informação mais utilizado no mundo. Entretanto, a partir do século XXI, essa realidade foi mudando com a difusão da informática e da internet, de modo que o livro foi dividindo seu espaço com os meios eletrônicos. É claro que um não exclui o outro, mas outras formas de acesso à informação estão coexistindo com o livro impresso, que antes reinava absoluto como principal fonte de informação. Livros eletrônicos, sites da internet e blogs são exemplos dessas fontes atuais. E é especificamente desta última, o blog, que será tratado neste trabalho.

Os blogs ou blogues, inicialmente chamados de weblogs, surgiram no século XX, e seu número foi aumentando rapidamente. Isso se deve ao fato de ser ele uma ferramenta simples e dinâmica para se criar conteúdo na internet. Tais conteúdos podem ser de natureza pessoal ou informativa, e podem abranger qualquer assunto. Além disso, se caracterizam basicamente por dois aspectos: microconteúdo e atualização frequente. Um dos diversos temas presentes em blogs é a Biblioteconomia, abordada nos seus mais variados aspectos.

2 Justificativa e problema

Diante da facilidade e popularidade dos blogs, a presente pesquisa analisa a utilização de blogs especializados em Biblioteconomia como fontes de informação. Sabe-se que o livro impresso não é a única fonte de informação, mas ainda assim a mais difundida. Portanto, iremos investigar a porcentagem de estudantes que utilizam os blogs como fonte de informação para trabalhos acadêmicos, a opinião dos docentes sobre essa ferramenta e a confiabilidade das informações nela contidas. A importância desse estudo se deve ao aumento significativo de blogs, que estão cada vez mais presentes na atualidade.

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral

- Verificar se os blogs especializados em Biblioteconomia são utilizados como fontes de informação.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar se os estudantes de Biblioteconomia utilizam blogs especializados em Biblioteconomia como fontes de informação para pesquisas acadêmicas.
- Descobrir a opinião de um professor de Biblioteconomia sobre blogs especializados em Biblioteconomia como fontes de informação;
- Analisar a confiabilidade e relevância das informações contidas nos blogs especializados em Biblioteconomia.

4 Revisão de literatura

4.1 Dado, informação e conhecimento

Para estudar os blogs como fontes de informação, é necessário definir alguns conceitos relevantes ao tema proposto; dentre eles estão: dado, informação e conhecimento.

4.1.1 Dado

A todo instante, obtemos dados por meio dos órgãos sensoriais. Setzer (1999) define dado como uma sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis (números, letras, gráficos, imagens, sons ou uma combinação desses tipos). Um texto, por exemplo, é um dado ou uma sequência de dados, mesmo que ininteligível para o leitor. Ainda na definição de Setzer (1999), um dado é puramente sintático, uma vez que ele pode ser totalmente descrito através de representações formais e estruturais.

Também é possível conceituar dado como “a menor representação convencional e fundamental de uma informação (fato, noção, objeto, nome próprio, número, estatística, etc) sob a forma analógica ou digital, passível de ser submetida a processamento manual ou automático.” (ROUFON *apud* CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 112).

4.1.2 Informação

Informação é “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte.” (LE COADIC, 2004, p. 4). Setzer (1999) caracterizou informação como “uma abstração informal (isto é, não pode ser formalizada através de uma teoria lógica ou matemática), que significa algo significativo para alguém através de textos, imagens, sons ou animação.” Por exemplo, a frase “Brasília é uma cidade incrível” constitui uma

informação, desde que seja ouvida ou lida por alguém, se “Brasília” significar a capital do Brasil e “incrível” tiver a qualidade usual associada com aquela palavra. Para possibilitar o processamento da informação em um computador, é necessário reduzi-la a dados, o que faria com que deixasse de ser informação.

Conforme Setzer (1999), “dados, desde que inteligíveis, são sempre incorporados por alguém como informação porque os seres humanos (adultos) buscam constantemente por significação e entendimento.” Por exemplo, a frase “em dezembro, a temperatura média é de 30°C” é imediatamente associada com o calor, com a estação do ano, com a cidade específica, etc. Desse modo, ao contrário de dado, informação possui necessariamente semântica (significado).

Com a informação pode-se realizar diversas operações, tais como: criação, transmissão, armazenamento, recuperação, recepção, cópia (em diferentes formas), processamento e destruição. A transmissão da informação é feita numa grande variedade de formas, entre as quais se incluem: luz, som, ondas de rádio, corrente elétrica, campos magnéticos e marcas sobre o papel. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 201).

Informação também pode ser entendida como uma “coleção de símbolos que possuem significados.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 201). Em outras palavras, pode-se definir informação como “um conjunto de dados organizados de forma compreensível registrado em papel ou outro meio suscetível de ser comunicado.” (ROBREDO *apud* SILVA, 2006, p. 9). A informação, portanto, deve ser ordenada e estruturada. Caso contrário, ela não se torna útil para o receptor, como afirma McGarry (1999, p. 11): “A informação deve ser representada para nós de alguma forma, e transmitida por algum tipo de canal”. Dessa forma, a informação acrescenta ao conhecimento e o altera.

4.1.3 Conhecimento

Segundo Setzer (1999), “conhecimento é uma abstração interior, pessoal, de alguma coisa que foi experimentada por alguém”. No exemplo anterior, uma pessoa tem um conhecimento de Brasília apenas se a visitou. Por isso, o conhecimento não pode ser totalmente descrito, assim como não depende somente de uma interpretação pessoal, como a informação, pois demanda uma vivência do objeto do conhecimento. Burke (*apud* CENDÓN, 2005, p. 29) define conhecimento como: “algo que denota o que foi processado e sistematizado pelo pensamento”.

Desse modo, o conhecimento é classificado como puramente subjetivo, haja vista que cada indivíduo tem experiências distintas e reage de forma diferente a elas. Assim, o conhecimento não pode ser inserido em um computador através de representação, pois teria sido reduzido a uma informação. Associa-se conhecimento à pragmática, já que se relaciona com algo existente na realidade, com a qual temos uma experiência direta. Portanto, o conhecimento é:

A informação mais valiosa e, conseqüentemente, mais difícil de gerenciar. É valiosa precisamente porque alguém deu à informação um contexto, um significado, uma interpretação; alguém refletiu sobre o conhecimento, acrescentou sua própria sabedoria, considerou suas implicações mais amplas. (DAVE *apud* CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 101).

Para McGarry (1999), os nossos sentidos são bombardeados por informações o tempo todo. Algumas informações consideradas desnecessárias são rejeitadas, enquanto reagimos às que nos são imediatamente úteis. A informação que captamos pode permanecer por anos como forma de conhecimento tácito, podendo ser utilizado quando menos se espera. O que não significa que todos os dados apresentados serão absorvidos e transformados na mesma informação. A experiência de vida de cada indivíduo altera o sentido, o conhecimento e, conseqüentemente, a informação.

4.2 Comunicação

Comunicação pode ser explicada como a “transferência de significados por meio da transmissão de sinais” (AFNOR *apud* CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 97).

Aristóteles (*apud* BERLO, 1972) argumentou que a principal meta da comunicação é a persuasão, isto é, a tentativa de fazer com que outras pessoas adotem o ponto de vista de quem fala. Esse prisma sobre o objetivo da comunicação continuou aceito até o final do século XVIII, quando a ênfase se deslocou dos métodos de persuasão para a qualidade daquilo que falavam.

De acordo com Berlo, no século XVII, surgiu a escola de pensamento, conhecida como psicologia das faculdades, que fazia distinção entre a alma e a mente. Esse dualismo era interpretado como base para dois objetivos de comunicação independentes: um deles era de natureza intelectual ou cognitiva e o outro emocional. Um dos objetivos era informativo, um apelo à mente, e o segundo era persuasivo, um apelo às emoções. O terceiro era o divertimento. A psicologia das faculdades não é mais defendida pelos psicólogos, mas seus resquícios ainda estão presentes na definição da intenção comunicativa.

Segundo Berlo, a distinção informar-persuadir-divertir é difícil de definir. Há a frequente tendência a interpretar esses propósitos como exclusivos, quando na verdade não são. Surge então a necessidade de reanalisarmos os objetivos da comunicação. Para isso, são enumerados quatro critérios para defini-los:

- 1- Não ser logicamente contraditório ou incoerente consigo mesmo;
- 2- Concentre-se no comportamento; isto é, seja expresso em termos de comportamentos humanos;
- 3- Seja específico o bastante para que possamos relacioná-lo com o real comportamento de comunicação;
- 4- Seja coerente com os meios pelos quais as pessoas se comunicam.

A comunicação é a base da relação entre os homens. “Nosso objetivo básico é alterar as relações originais entre o nosso próprio organismo e o ambiente em que nos encontramos. [...] Em suma, nós nos comunicamos para influenciar - para afetar com intenção.” (BERLO, 1972, p. 20). Isso não significa que o homem esteja ciente do seu objetivo. Com ou sem propósito definido, dificilmente é possível deixar de nos comunicarmos. Desde a infância, praticamos as técnicas, orais ou não, de afetar o ambiente, de forma que esses padrões de comportamento tornam-se habituais.

Desse modo, precisamos focar na análise da intenção, a fim de conferir se estamos agindo com eficiência. Quando algo se torna habitual, geralmente torna-se ineficiente, uma vez que deixamos de pensar em melhores meios de fazê-lo. Essa falta de efetividade pode gerar um erro de comunicação, que também pode ser atribuído à percepção errônea, seja da própria fonte, seja de um observador, da resposta que a fonte pretendeu produzir. Isto é, o objetivo verdadeiro da comunicação pode não ser aquele que é percebido como tal, mesmo por quem o executa.

4.2.1 Modelos de comunicação

Existem inúmeras formas de se comunicar, e elas diferem, de algum modo, umas das outras. No entanto, todas apresentam determinados elementos em comum. Com eles, e suas inter-relações, podemos montar um modelo genérico de comunicação para explicar o seu processo. Para isso, muitos modelos foram criados, cada um condicionado ao seu escopo. “O importante é escolher um modelo apropriado para a necessidade em particular que se tem.” (MEADOWS *apud* SILVA 2006, p. 11).

Berlo (1972) explica que toda comunicação humana tem alguma pessoa ou um grupo de pessoas com uma razão para realizar a comunicação. Além do emissor, se faz necessária a mensagem, que é o próprio objetivo. Em seguida, precisamos de outro elemento neste processo: o codificador, responsável por

FONTE → CODIFICADOR → MENSAGEM → CANAL → DECODIFICADOR → RECEPTOR

Lasswell (*apud* SILVA, 2006) propôs um modelo que incluía o efeito que a comunicação tem sobre os envolvidos no processo. Conforme a Figura 2:

Figura 2: Modelo de comunicação de Lasswell, 1948

FONTE → TRANSMISSOR → CANAL → RECEPTOR → DESTINO

↑

RUÍDO

21

O *feedback*, ou retroalimentação, só vai ser considerado elemento fundamental da comunicação anos mais tarde, por meio da proposição de DeFleur, em 1970. O *feedback* permite ao emissor saber se houve interferência na mensagem transmitida. Como pode ser visto na Figura 4:

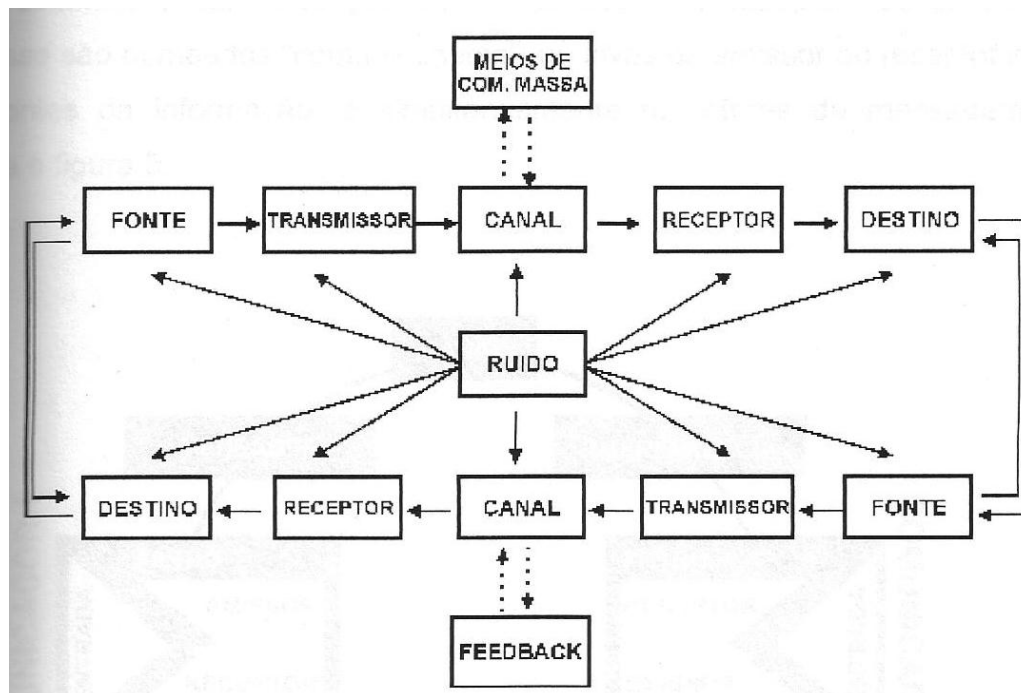


Figura 4: Modelo de comunicação de DeFleur, 1970.

Berlo (1972) conclui que a interdependência entre a fonte e o receptor é condição necessária à comunicação humana, ou seja, a ação do emissor influencia a reação do receptor, que influencia a subsequente reação do emissor. Por isso, entre os modelos de comunicação encontrados na literatura, Tubbs e Moss (*apud* SILVA, 2006) apresentam o que parece ser o mais completo, já que demonstra o processo como dinâmico e sem distinção entre emissor e receptor. Os envolvidos no processo são nomeados “comunicadores” e ambos são simultaneamente fontes e receptores da mensagem, como mostra a Figura 5 a seguir:

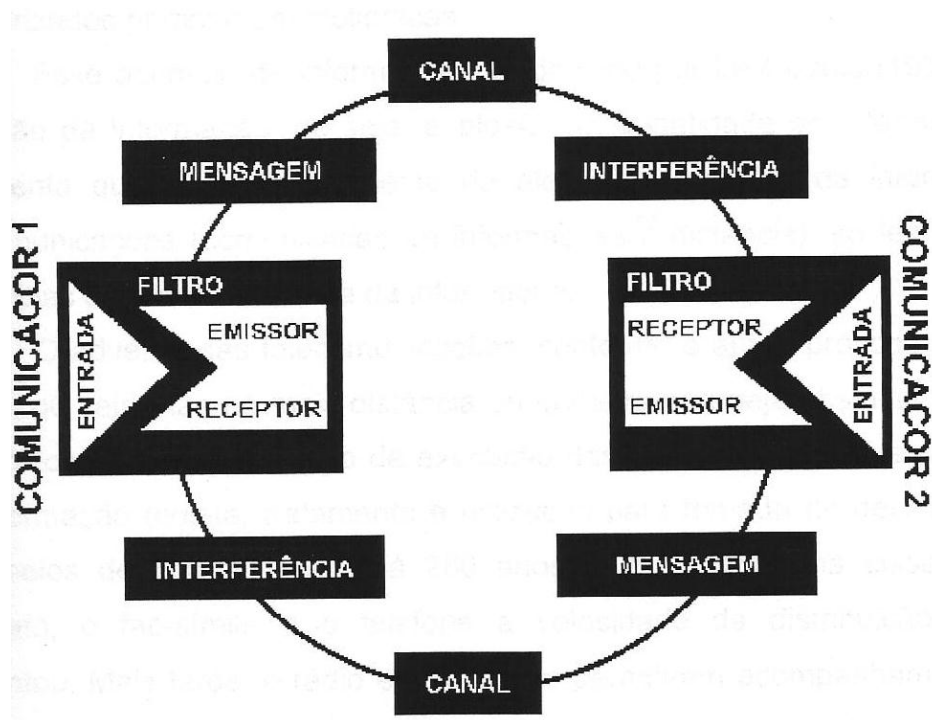


Figura 5: Modelo de comunicação de Tubbs; Moss, 2003.

4.2.2 Fluxo de informação

Conforme Barreto (1998), a relação entre a informação e o público a quem ela é direcionada vem se modificando com o tempo, devido à utilização de diferentes técnicas de transferência da informação.

Com o advento das tecnologias de comunicação, iniciou-se a fase conhecida como “explosão da informação” (LE COADIC, 2004) ou “boom informacional”, após o fim da segunda guerra mundial. Com o aumento da quantidade de informação, e a diminuição do tempo para transmiti-la em qualquer distância, elevou-se o fluxo informacional. A criação da escrita já propiciou a multiplicação de informações, o que se intensificou mais ainda com o desenvolvimento da eletrônica, informática e telecomunicações.

Enquanto na comunicação oral o recebimento da mensagem é imediato, com a imprensa a informação só poderia ser lida pelo indivíduo após a sua publicação. Com o surgimento do rádio e da televisão, essa relação se transformou novamente, tornando-se possível acompanhar os fatos no momento em que acontecem. Com a internet, aumentou-se a velocidade da comunicação, permitindo-se o acesso à informação em qualquer tempo e lugar.

Quanto ao seu direcionamento, Lèvy (*apud* SILVA, 2006) classifica a comunicação de massa (jornal, revista, rádio, televisão) como um modelo de um para todos, em que não há reciprocidade nem interação. Por outro lado, o correio e o telefone são apontados pelo autor como uma comunicação de um para um, provendo a interação e a reciprocidade. Características também presentes na internet, que é definida como um modelo de todos para todos, possibilitando publicações coletivas em que todos podem ser emissores e receptores de informações (CASTELLS, 1999).

4.2.3 Fontes de informação

O conceito de fonte de informação é muito amplo. Uma de suas diversas definições é: “unidade que consiste em um suporte de dados, nos dados registrados nesse suporte e o significado atribuído aos dados.” (WN *apud* CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 132). Fonte ou documento também podem ser definidos como “qualquer meio (suporte) onde se encontre registrada a evidência de uma realização intelectual.” (SENG *apud* CUNHA; CAVALCANTI 2008, p. 132).

Tendo em vista que inúmeras informações estão disponíveis nos mais variados suportes, surgiu a necessidade de se estabelecer critérios para a consulta de documentos. Esses podem ser classificados, quanto à sua divulgação, em dois tipos: convencionais e não convencionais.

- **Documentos convencionais (ou formais):** também conhecidos por “literatura branca”, são todas as publicações produzidas para serem comercializadas e divulgadas para o grande público, mesmo que especializado.

- **Documentos não convencionais (ou semiformais):** também chamados de “literatura cinzenta” (*grey literature*), não são comercializados nem divulgados de forma aberta e são, por isso, de difícil acesso. Dentre eles estão os relatórios e os manuais.

Conforme Grogan (1970 *apud* SILVA, 2006), os documentos também podem ser divididos, quanto à sua origem, em três categorias: primários, secundários e terciários.

- **Documentos primários:** Informação tal como é, nova ou original, não submetida à interpretação ou condensação. Nesta categoria se enquadram: “congressos e conferências, legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas em andamento, relatórios técnicos, teses, dissertações e traduções.” (SILVA, 2006, p. 21).

- **Documentos secundários:** Dados ou informações analisados, submetidos à descrição, condensação ou reorganização. Em outras palavras, são os documentos primários agregados de informação. Bases de dados, bibliografias, índices, biografias, catálogos, dicionários, enciclopédias, filmes, manuais, museus, arquivos, siglas, abreviaturas, tabelas e estatísticas são alguns dos exemplos citados por Silva (2006).

- **Documentos terciários:** Recopilação da informação contida nas fontes primárias e secundárias, de modo a facilitar sua localização pelos usuários. Tais como: “bibliografias de bibliografias e as bibliotecas e centros de informação” (SILVA, 2006, p. 21).

Tomaél (2000) estabeleceu alguns critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. São eles:

- Informações de identificação do responsável pelo site;
- Consistência das informações que fornecem (detalhamento e completeza);
- Confiabilidade das informações (autoridade ou responsabilidade);
- Adequação e coerência da fonte;

- Links que complementam as informações da fonte;
- Facilidade de uso;
- *Layout* da fonte;
- Restrições percebidas (mensagens de erro, por exemplo);
- Suporte ao usuário;
- Outras observações percebidas (como acessibilidade).

4.3 Biblioteconomia

A palavra Biblioteconomia, etimologicamente, é formada por três elementos gregos: *biblíon* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra), aos quais foi adicionado o sufixo “ia”. Biblioteconomia, portanto, é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em locais apropriados. Fonseca (*apud* SOUZA 1986, p. 190) define Biblioteconomia como o “conhecimento e a prática da organização de documentos em bibliotecas, objetivando sua utilização pelo maior número de interessados”.

Segundo Le Coadic (2004, p. 12), Biblioteconomia é a “união de duas palavras: biblioteca e economia (esta no sentido de organização, administração, gestão), [...] não é nem uma ciência nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: a arte de organizar bibliotecas”. Ainda de acordo com Le Coadic, a Biblioteconomia:

Responde aos problemas suscitados: pelos acervos (formação, desenvolvimento, classificação, catalogação, conservação); pela própria biblioteca como serviço organizado (regulamento, pessoal, contabilidade, local, mobiliário), e pelos leitores, os usuários (deveres recíprocos do pessoal e do público, acesso aos livros, empréstimo). (2004, p. 12-13).

Devido ao seu caráter multidisciplinar, a Biblioteconomia estendeu sua abrangência muito além do que esses conceitos determinam, pois o objeto da Biblioteconomia é a informação que, hoje em dia, não se encontra somente em bibliotecas ou em livros. Para Souza (1986, p. 191), o objetivo da Biblioteconomia é informar, o que “pressupõe, numa primeira etapa, o controle do conhecimento e, numa segunda etapa, a disseminação desse conhecimento”.

Dentre outros objetivos da Biblioteconomia, podemos ressaltar a democratização da cultura e o incentivo à leitura através de bibliotecas públicas, a disseminação e preservação do patrimônio bibliográfico de cada

país (função das bibliotecas e bibliografias nacionais), e o apoio documental à pesquisa e ao ensino, oferecido pelas bibliotecas universitárias.

Apesar de a Biblioteconomia não ser considerada uma ciência, ela tem, todavia, um conjunto de teorias que a rege. Conforme Souza (1986), os princípios mais importantes que governam a Biblioteconomia são os cinco de Ranganathan, listados abaixo:

- Os livros são para o uso;
- Para cada leitor o seu livro;
- Para cada livro o seu leitor;
- Poupe o tempo do leitor;
- A biblioteca é um organismo em crescimento.

4.3.1 História da Biblioteconomia

Segundo Souza (1986), o surgimento da Biblioteconomia data-se por volta do século XVIII, a partir da classificação das ciências feita por Dewey, que as agrupou através de números. No entanto, as coleções de documentos já existiam muito antes disso, como a de Ebla, na Síria, que pode ser considerada a primeira biblioteca primitiva, no terceiro milênio a.C. A “coleção era composta de textos administrativos, literários e científicos, registrados em 15 mil tábuas de argila, as quais foram dispostas criteriosamente em estantes segundo o tema abordado.” (ORTEGA, 2004). No segundo milênio a.C., na civilização mesopotâmica, encontrou-se tábuas de argila envoltas por espécies de envelopes com resumos, organização que teria a finalidade de facilitar a recuperação posterior dos documentos (WITTY *apud* ORTEGA, 2004).

Lemos (*apud* ORTEGA, 2004) ressalta a existência de grandes bibliotecas da Antiguidade entre os séculos VIII e VII a.C., como a de Assurbanipal, rei da Assíria. A partir do século IV a.C., sabe-se das bibliotecas dos templos gregos, como a que Aristóteles fundou em sua Escola de Filosofia. Esta teria servido de modelo para a criação, no século III a.C., da famosa biblioteca de Alexandria, uma das maiores já conhecidas e que sobreviveu a muitos saques e desastres naturais, até ter seu fim definitivo. Parte do acervo dessa biblioteca foi formado principalmente devido a um decreto de Ptolomeu III, segundo o qual todos os navios que parassem em Alexandria teriam que entregar seus livros para serem copiados. “O objetivo era o de uma biblioteca que abrigasse a totalidade do conhecimento humano registrado.” (ORTEGA, 2004).

Na Idade Média, predominaram as bibliotecas ligadas à religião, tanto no Ocidente como no Oriente. No século XIII, na Europa, começaram a ser fundadas as bibliotecas universitárias, ao mesmo tempo em que surgiram os grandes colecionadores na nobreza, cujos livros viriam a formar o núcleo de algumas bibliotecas nacionais (LEMOS *apud* ORTEGA, 2004). Por volta do século XVII, apareceram as primeiras bibliotecas públicas. Todavia, o termo “Biblioteconomia” só foi usado pela primeira vez em 1839 na obra do bibliógrafo Léopold-Auguste-Constantin Hesse. Mas foi somente no século XIX que as técnicas e práticas dos bibliotecários começam a ser sistematizadas (LAHARY *apud* ORTEGA, 2004).

O primeiro código de catalogação nasceu na França, em 1791. Em 1841, no Reino Unido, foram publicadas as “91 regras” de catalogação elaboradas por Anthony Panizzi. A partir disso, catálogos de autor e assunto passaram a ser usados e as bibliografias foram se aperfeiçoando. Em 1876, Melvil Dewey criou nos Estados Unidos sua Classificação Decimal (CDD), primeiro sistema do tipo a ser amplamente empregado, inclusive até os dias de hoje. No mesmo local e data, Charles Ami Cutter publicou as Regras para um Catálogo Dicionário que, além do código de catalogação, incluía uma declaração sobre seus objetivos. E em 1901, a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos liderou a organização bibliográfica em bibliotecas com o

sistema de distribuição de fichas catalográficas impressas e padronizadas (ORTEGA, 2004).

A Revolução Industrial deflagrada na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX foi um dos principais movimentos que desencadearam o registro de uma grande quantidade de informações. Com isso, várias tentativas foram feitas para se realizar um levantamento bibliográfico universal. No período, a iniciativa principal foi a dos advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, que planejaram a criação de uma biblioteca universal a fim de divulgar, em fichas, os dados bibliográficos relativos a todos os documentos. Hoje, como sabemos, as fichas catalográficas impressas foram substituídas por programas de computador que auxiliam as práticas bibliotecárias.

4.3.2 Perfil do Bibliotecário

Desde os primórdios da Biblioteconomia, a atuação do bibliotecário é decisiva na preservação de obras para o acesso de gerações futuras. Com o advento da tecnologia, muito se conjectura sobre a substituição do livro impresso pelo digital, o que faz com que o ideal de biblioteca universal se aproxime cada vez mais da realidade. Não obstante, o profissional da informação continuará enfrentando desafios no que diz respeito à preservação de documentos, haja vista a constante e rápida atualização das mídias digitais.

Diante da atual conjuntura de mercado, exige-se que a postura do bibliotecário seja mais que a de um “mero intermediário entre usuário e informação” (OLIVEIRA; PINTO, 2011, p. 1). Ele deve se adaptar aos novos aparatos tecnológicos e utilizá-los para enriquecer suas atividades.

A informação é a peça fundamental no desenvolvimento e na postura que o profissional de Biblioteconomia exercerá. O conhecimento de seu fluxo, a percepção do ambiente informacional, a destreza no manuseio e no uso de recursos tecnológicos que favoreçam o acesso, o tratamento, a recuperação e o uso de informação facilitada à geração de novos conhecimentos. (Oliveira; Pinto, 2011, p.4).

Segundo Oliveira; Pinto (2011), associar o advento da tecnologia a uma possível extinção da Biblioteconomia é errôneo, pois, na realidade, a tecnologia ajuda a aperfeiçoar a prática biblioteconômica. A evolução dos suportes de informação sempre ocorreu; e, independentemente disso, a informação sempre existirá em diversos locais. O papel de manter as principais funções das bibliotecas tradicionais, como a acessibilidade à informação e sua preservação, é designado ao bibliotecário contemporâneo. Além disso, cabe a ele priorizar sempre o atendimento ao usuário, expandindo suas habilidades.

Com base nisso, e tendo a informação como elemento central, Rajagopalan e Rajan (*apud* OLIVEIRA; PINTO, 2011) fizeram uma adaptação das cinco leis de Ranganathan, que se aplicam aos dias de hoje, e são elas:

- A informação é para uso;
- A cada usuário sua informação;
- Cada informação a seu usuário;
- Economize o tempo do usuário – e o seu corolário: economize o tempo dos cientistas da informação;
- Um sistema de informação é um organismo em crescimento.

Souza (1985, p. 195) conclui que:

O que se espera dos bibliotecários é que sejam reflexivos enquanto pensam, sábios enquanto teorizam e firmes enquanto agem, porque o futuro da Biblioteconomia, como ciência e como profissão, só depende deles, porque o homem é o agente e o fim de seu próprio desenvolvimento.

4.4 Internet

Ao longo dos anos, a forma de comunicação entre as pessoas mudou e continua mudando. A criação do alfabeto foi um dos primeiros fatores a transformar a comunicação humana, pois possibilitou a acumulação de informações através da escrita. Essa fase, em que o texto impresso (jornais, revistas, livros) era o suporte de veiculação do conhecimento, é denominada por Castells (1999) como “Galáxia de Gutenberg”, alemão inventor da prensa tipográfica no século XV.

Em seguida, no século XX, Castells (1999) classifica como a “Galáxia de McLuhan”, teórico dos meios de comunicação. É nessa fase que surge a comunicação eletrônica por meio de filmes, rádio e televisão. Mais tarde, com a Comunicação Mediada por Computadores, nascem a informática e a internet. Com isso, os meios de comunicação anteriores não deixaram de existir, mas foram reorganizados e reestruturados.

Hoje, a Internet é considerada a espinha dorsal da CMC, devido ao seu poder de distribuir informação por todos os âmbitos. (CASTELLS, 2004). Além de sua interatividade e universalidade, destaca-se a sua enorme velocidade de disseminação. A televisão, por exemplo, demorou 15 anos para atingir 60 milhões de usuários, enquanto a internet levou apenas três anos para alcançar a mesma marca nos EUA (CASTELLS, 1999). Conforme a Internet World Stats, 1,96 bilhão de pessoas no mundo tinha acesso à internet em 2010, sendo aproximadamente 76 milhões no Brasil.

Para Cunha; Cavalcanti (2008, p. 212), a Internet é a “rede das redes de computadores, de alcance mundial, [...] que utiliza o protocolo TCP/IP e provê serviços de correio eletrônico, acesso remoto e transferência de arquivos”. A internet também pode ser definida como a “união de várias redes de teleprocessamento [...] em uma única rede lógica, compartilhando um mesmo esquema de endereçamento”.

4.4.1 História da Internet

A Internet foi originada durante a Guerra Fria, no final do século XX, quando se necessitava de um sistema de comunicação flexível, descentralizado e invulnerável a ataques nucleares. Para Castells (1999), a união entre estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural resultou na criação da rede pela ARPA, instituição de pesquisa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Castells (1999) relata que a primeira rede de computadores, chamada Arpanet, entrou em funcionamento em 1969, com 15 nós, sendo os quatro primeiros em universidades americanas. Ela foi criada pelos EUA com o objetivo de reaver a superioridade tecnológica militar sobre a união soviética, que acabara de lançar o seu primeiro *Sputnik* em 1957.

Segundo Castells (1999), em 1973 foi proposta a utilização de protocolos padronizados para acesso à rede. Em um seminário em Stanford, um grupo de pesquisadores introduziu o projeto TCP (Protocolo de Controle de Transmissão), que foi dividido em duas partes em 1978, gerando o TCP/IP (Protocolo de Internet), utilizado até hoje.

Mais tarde, permitiu-se que cientistas acessassem a rede, em 1989, que foi dividida entre Arpanet, orientada a fins científicos, e Milnet, voltada às funções militares.

A NSF também criou, na década de 1980, outra rede científica, a CSNET, e – em colaboração com a IBM – de mais uma rede para acadêmicos não-científicos, a Bitnet. Contudo, a Arpanet era a espinha dorsal do sistema de comunicação. (CASTELLS, 1999, p. 432).

A rede das redes desenvolvida na década de 80 denominava-se ARPA-Internet, depois passou a se chamar Internet, ainda mantida pelo Departamento de Defesa e operada pela NSF.

Mais de vinte anos depois, a Arpanet se tornou tecnologicamente obsoleta, terminando suas atividades em 1990. Em seguida, a NSFNET, operada pela NSF, se tornou a ‘espinha dorsal’ da Internet. Entretanto,

conforme Castells (1999), as pressões comerciais, o crescimento de redes de empresas privadas e de redes cooperativas sem fins lucrativos levaram ao fim da NSF em 1995, renunciando a privatização total da Internet. Privatizada, a Internet não tinha mais nenhuma autoridade que a supervisionasse, mas contava com muitos provedores que ofereciam serviços de acesso. A partir dessa data, a internet entrou de fato na vida de empresas e usuários comuns.

Um dos fatores que facilitou o modo de lidar com a internet foi a criação do "World Wide Web" por Tim Berners-Lee, conhecida como "www" ou web. Silva (2006) afirma que essa inovação possibilitou o acesso à rede sem o uso de protocolos, mas por meio semântico. Assim, todo endereço da web se inicia com "www", seguido de um nome, da extensão que identifica o tipo de página (comercial, governamental, educacional, entre outros), e da sigla que representa seu país de origem.

De acordo com Silva (2006), a interface gráfica da internet foi projetada na década de 90 pelo estudante Marc Andressen, nos EUA. O Mosaic foi o primeiro navegador que tornou possível receber e emitir imagens pela internet, e não somente textos. Em 1994, o Mosaic virou Netscape Communication, que oferecia o primeiro navegador comercial, o Navigator Netscape. Ele era distribuído gratuitamente pela internet para fins educacionais, e era vendido para fins comerciais. Em 1995, a Microsoft lançou o software Windows 95, que introduzia no computador pessoal seu navegador, o Internet Explorer, hoje o mais usado no mundo.

No Brasil, a internet era usada desde 1982 apenas por universidades, e em 1995 começou a ser utilizada para fins comerciais. Conforme Silva (2006), sua espinha dorsal foi implantada, no início da década de 90, pelo consórcio denominado Rede Nacional de Pesquisa (RNP). Até hoje, o número de usuários de internet no país cresce cada dia mais.

4.4.2 Comunidades virtuais

Antes de definirmos o conceito de comunidades virtuais, faz-se necessário o entendimento do termo comunidade. Max Weber (*apud* RECUERO, 2001) ressalta que o conceito de comunidade é deliberadamente vago. Primo; Recuero (2003) sugerem que o principal debate sobre a questão foi levantado no século XIX pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, que propôs a contraposição dos termos comunidade e sociedade.

Segundo Tönnies (*apud* RECUERO, 2001), a sociedade representa a frieza, o egoísmo e a objetividade; a comunidade, por outro lado, abrange a família, as relações locais e a afetividade. Para ele, a comunidade seria o estado ideal dos grupos humanos, enquanto a sociedade seria a sua corrupção. Diante dessa perspectiva, Weber (*apud* SILVA, 2006) aponta que a maior parte das relações sociais tem em parte o caráter de comunidade, e em parte o de sociedade, não sendo estes necessariamente excludentes. E acrescenta que o sentimento de pertencimento, territorialidade e permanência caracterizam a comunidade.

Dentro deste escopo, é preciso entender também os conceitos clássicos de comunidade, comunidade virtual, e sua intersecção. Recuero (2002) define comunidade virtual como “grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais”. Relações essas que são formadas através da interação mútua entre os indivíduos, que permanecem em um período de tempo suficiente para que eles possam constituir um corpo organizado, através da CMC e associada a um *virtual settlement*. De acordo com Jones (*apud* RECUERO, 2002), o *virtual settlement* (cuja tradução literal seria estabelecimento virtual) é um ‘lugar’ no ciberespaço ao qual geralmente se associa uma comunidade virtual.

Na CMC o espaço social é organizado em rede, conectando pessoas e organizações, sem retirá-las do contexto de seu ambiente original. Um dos primeiros autores a utilizar o termo comunidade virtual para definir a relação social de grupos no ciberespaço foi Rheingold (*apud* SILVA, 2006). Conforme Lévy (1999), ciberespaço é o novo meio de comunicação emergente da interconexão mundial das redes de computadores, incluindo não só a sua

infraestrutura, mas também as informações nela contidas. Rheingold (*apud* SILVA, 2006, p. 28) define comunidades virtuais como “agregados que surgem na internet quando há uma quantidade suficiente de participantes em discussões públicas durante um tempo suficiente, com sentimento humano na formação de relações pessoais no ciberespaço”.

Segundo Silva (2006), a utilização da palavra “comunidade”, ao referir-se à virtual, causa controvérsias, uma vez que, pela sua definição clássica, a comunidade seria um agrupamento humano dentro de uma base territorial, o que não corresponderia ao ciberespaço. Diante disso, Jones (*apud* PRIMO; RECUERO, 2003) diferencia os termos comunidade virtual e *virtual settlement*. Para o autor, a primeira se refere aos grupos que se relacionam através da CMC; enquanto a segunda seria um ciber-lugar, simbolicamente delineado por um tópico de interesse dotado de interatividade, como é o caso dos weblogs.

4.4.3 Desafios da virtualidade

Lidar com o excesso de informações oferecidas no ciberespaço é um dos principais desafios da virtualidade. Cabe ao usuário, pois, a tarefa de encontrar, em meio a tantas, as informações de que necessita e averiguar sua qualidade. Diferentemente dos jornais ou programas de televisão, onde ocorre uma filtragem, na internet cada um passa a ser o seu próprio mediador de informações, selecionando aquelas que lhe serão úteis e descartando as que não lhe interessam.

Nesse contexto, Lévy (1999) salienta que o anonimato possibilitado pela rede provoca riscos e propicia os boatos. Por outro lado, o autor lembra que essa descentralização pode ser favorável para as minorias, que passam a ter condições de serem escutadas. Outro desafio presente no mundo virtual, assim como no mundo físico, é o da privacidade. Deve-se, portanto, tomar cuidado ao publicar informações pessoais na internet.

Além disso, um assunto muito discutido atualmente é a questão de autoria no meio virtual. Há a frequente interpretação equivocada de que os conteúdos disponíveis na internet sejam de domínio público. Oliveira; Pinto

(2011) destaca que o fato de um conteúdo ser de livre acesso não significa que seja também livre a sua reprodução. O modelo atual de *copyright* (ou direito autoral) não altera a sua vigência em suportes digitais.

Soluções para esse impasse já estão sendo apontadas, dentre elas o *Creative Commons*, uma organização não governamental sem fins lucrativos que “cria instrumentos jurídicos para que um autor, um criador ou uma entidade diga de modo claro e preciso, para as pessoas em geral, que uma determinada obra intelectual sua é livre para distribuição, cópia e utilização” (LEMOS *apud* OLIVEIRA; PINTO, 2011).

4.5 Blogs

Com base em Orihuela (2007), os blogs são páginas da web que possibilitam a um grande número de pessoas publicarem na rede diversos tipos de conteúdos; tais como textos, fotos, animações, trechos de vídeos e sons, ou mesmo a conexão entre documentos (*links*). Isso porque, com o uso de mecanismos disponíveis (como o *Blogger*), a construção e manutenção de blogs não requer o conhecimento de linguagens de programação, como o código Html. Assim, essa aplicação nos permite comunicar, mesmo com pessoas distantes, discutir e analisar assuntos (SILVA, 2006).

Fundamentados principalmente nos aspectos de microconteúdo e atualização frequente (RECUERO, 2002), os weblogs, blogues (termo utilizado em Portugal), ou simplesmente blogs, se tornaram populares em pouco tempo. Para Cunha; Cavalcanti, blog pode ser definido como:

Página que contém textos curtos, organizados segundo a ordem cronológica e atualizados constantemente. Pode incluir ponteiros para hiperligações a sítios importantes, avaliação de sítios, notícias sobre organizações ou pessoas. Às vezes inclui diário pessoal. (2008, p. 56-57).

Segundo Orihuela (2007), o principal item contido num blog são as atualizações, também denominadas postagens (ou *posts*), que são ordenadas em uma cronologia decrescente, de forma que as mais recentes fiquem no topo da página. Com o intuito de auxiliar sua recuperação através de páginas externas, alguns blogs possuem endereço URL permanente (chamado de *permalink*) em suas postagens, bem como um buscador interno para facilitar sua localização. Outro elemento que costuma aparecer em blogs é uma descrição pessoal do seu autor ou grupo de autores. Quanto à organização, os *posts* podem ser classificados por data ou assunto, como pode ser observado na figura a seguir:



Figura 6: Interface do blog “A Informação”

Simplicidade, clareza e visibilidade são algumas das características que fazem do blog um recurso eficaz na transmissão e divulgação de conteúdos dinâmicos. Conforme o diretório de blogs Technorati (*apud* CUNHA, 2009), essa ferramenta tem crescido significativamente, sendo criado um endereço a cada segundo. Apesar de muitos serem abandonados, o número de blogs ativos ultrapassa 70 milhões.

Sousa (2007) lembra que a responsabilidade pela preservação da blogosfera é, primeiramente, dos próprios bloggers, que devem fazer cópias de segurança para evitar que a publicação seja perdida. Depois, a responsabilidade é do prestador do serviço de blog, que deverá estabelecer políticas adequadas de salvaguarda e migração dos dados.

De acordo com Cunha (2009), alguns especialistas em comunicação de massa veem os blogs como uma expressiva forma de mídia alternativa, que soma informações vindas de várias fontes, revela pontos de vista diversos e, provavelmente, influencia a opinião em larga escala; visão denominada “mídia

participativa”. Hoje em dia, muitos blogs já possuem uma audiência maior do que a de importantes jornais impressos.

Uma das maiores diferenças entre o blog e a mídia tradicional é que o primeiro constitui uma rede baseada em ligações (ou *links*); o que propicia aos leitores a possibilidade de se aprofundarem no tema que estão lendo, acessando outras páginas indicadas no texto. Além disso, a maioria dos blogueiros mantém um *blogroll*: uma lista com *links* que levam aos blogs que eles recomendam ou costumam acessar (ORIHUELA, 2007). Desse modo, pode-se traçar um perfil dos interesses dos blogueiros na blogosfera.

4.5.1 Classificação dos blogs

Os blogs podem abordar inúmeros temas, e normalmente tratam de assuntos específicos. Muitas pessoas incorrem no erro de generalizá-los como diários pessoais. No entanto, os blogs têm sido utilizados das mais variadas formas a fim de se expressar ideias, não somente pessoais, como também informacionais. Dentro dessa perspectiva, Recuero (2002) delimitou três categorias de blogs; duas facilmente identificáveis e uma terceira que mescla elementos das anteriores, sendo elas:

- **Diários eletrônicos:** são atualizados com pensamentos, fatos e acontecimentos da vida pessoal do autor. A intenção desta categoria não é informar ou trazer notícias, mas servir como um canal de expressão.
- **Publicações eletrônicas:** trazem notícias, dicas e comentários sobre determinado assunto relativo ao escopo do blog. Nesta categoria, que se destina principalmente à informação, comentários pessoais geralmente são evitados.
- **Publicações mistas:** misturam posts pessoais e informativos; com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto do autor.

4.5.2 História dos blogs

Há controvérsias em torno de qual seria o primeiro blog existente. Paquet (*apud* SILVA, 2006) considera que o blog mais antigo tenha sido o "What's new in '92", publicado em 1992 por Tim-Berners Lee, o criador da *www* (*World Wide Web*), com o intuito de divulgar as novidades do projeto. Em sua página era disponibilizado um conjunto de links com dicas e breves comentários, assim como ocorria na maioria dos blogs iniciais, que funcionavam como filtros de conteúdos (BLOOD *apud* RECUERO, 2002).

A partir disso surgiu o termo *weblog*, concebido por Jorn Barger em 1997, da união das palavras *web* (teia) e *log* (diário de bordo utilizado por navegadores). Isso se referia ao relato de links e anotações reunidos a partir do que os autores achavam enquanto “navegavam” no ciberespaço.

Outro blog pioneiro é o “Robot Wisdom” (<http://www.robotwisdom.com>), editado por Jorn Barger, que se restringe a uma série de links frequentemente atualizados, e mantém até hoje a sua interface original, o que o difere da maioria dos blogs atuais.

Aqui também não há um consenso quanto ao primeiro blog brasileiro. Silva (2006) atribui a Zamorim, que começou a emitir posts em 2000, e à Viviane Menezes, que teria publicado a partir de 1998, os postos de blogs pioneiros.

Inicialmente, uma barreira para o aumento do número de criadores de blogs era a necessidade do conhecimento da linguagem *Html*. Isso mudou com o surgimento de ferramentas simples que automatizam a criação e a edição de blogs, como o Blogger e o Groksoup, lançados pela Pyra em 1999.

4.5.3 Blogs aplicados à Biblioteconomia

Com base em Cunha (2009), a Biblioteconomia, assim como outras profissões, se encarrega de transmitir o seu conhecimento através de livros, periódicos e comunicações em eventos técnicos. Aliados a isso, os métodos virtuais estão sendo cada vez mais utilizados, pois dinamizam o acesso à informação para um maior número de usuários. O blog, especificamente, tem

chamado a atenção crescente dos bibliotecários, por propiciar maior senso de imediatismo, interatividade e informalidade. O efeito desse crescimento pode ser observado por meio do aumento do número de blogs da área.

Há diversos tipos de blogs relacionados à Biblioteconomia, desde os institucionais de bibliotecas a outros voltados para concursos públicos. Em suma, os blogs têm o papel de “informar o bibliotecário a respeito das novidades, dificuldades e políticas públicas da área” (CUNHA, 2009). Cunha conclui que “eles servem também como um contexto ideal para a reflexão e compreensão sobre o importante papel do bibliotecário no ciberespaço”.

5 Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos propostos, realizou-se pesquisa exploratória, descritiva e aplicada. Por meio das informações reunidas no tópico “Revisão de literatura” sobre blogs e seu contexto histórico, e de pesquisa quantitativa, pretende-se verificar o uso de blogs especializados em Biblioteconomia como fontes de informação. O instrumento de coleta de dados utilizado é um questionário com quatro perguntas fechadas e uma aberta. Para analisar a opinião de um professor quanto à confiabilidade e relevância das informações contidas em blogs, foi aplicado o método qualitativo de entrevista individual.

O universo da pesquisa são os estudantes de diferentes semestres do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB). A amostra são 50 desses alunos selecionados aleatoriamente. Além disso, foi feita uma entrevista com o professor de Biblioteconomia, Murilo Cunha, que também é editor de blogs sobre o tema.

6 Desenvolvimento

Embora os blogs de Biblioteconomia se encaixem nas mais diversas categorias, os blogs abarcados nesta pesquisa se enquadram majoritariamente na categoria “publicações eletrônicas”, cujo objetivo principal - como explicitado na revisão de literatura - é o de informar os leitores. Além disso, vamos englobar apenas blogs editados por brasileiros em língua portuguesa, e somente os blogs com atualizações constantes e recentes.

Selecionamos alguns exemplos de blogs informativos que abordam um ou mais aspectos da Biblioteconomia, listados em ordem alfabética a seguir:

- A Informação (<http://a-informacao.blogspot.com.br>);
- Biblioteca do Bibliotecário (<http://bibliotecadobibliotecario.blogspot.com.br>)
- Bibliotecários sem Fronteiras (<http://bsf.org.br>);
- Biblioteconomia para Concursos (<http://biblioteconomiaparaconcursos.com>);
- Coisa de Bibliotecário (<http://www.coisadebibliotecario.com.br>);
- De Olho na CI (<http://www.deolhonaci.com>);
- InfoBCI (<http://infobci.wordpress.com>);
- Mundo Bibliotecário (<http://mundobibliotecario.wordpress.com>).

Os blogs supracitados têm em comum o objetivo de compartilhar ou discutir com profissionais, estudantes ou pesquisadores, diversos assuntos relacionados à Biblioteconomia.

7 Análise dos dados

Um questionário com cinco questões fechadas e uma aberta, sobre o uso de blogs (vide apêndice A), foi distribuído na FCI - UnB a 50 estudantes do curso de Biblioteconomia escolhidos ao acaso. Foram extraídos os dados obtidos, que resultaram nas seguintes porcentagens. Primeiro, foi perguntado se os alunos costumam ler conteúdos de blogs. 96% responderam que sim, e 4% que não, como se confere no Gráfico 1:

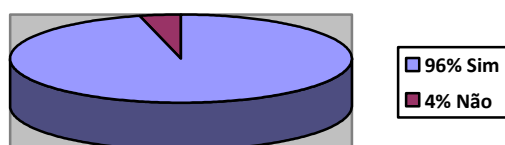


Gráfico 1: Leitura de blogs

Em segundo, questionou-se aos participantes com que frequência os blogs relacionados à Biblioteconomia são acessados por eles. O resultado está descrito abaixo no Gráfico 2:

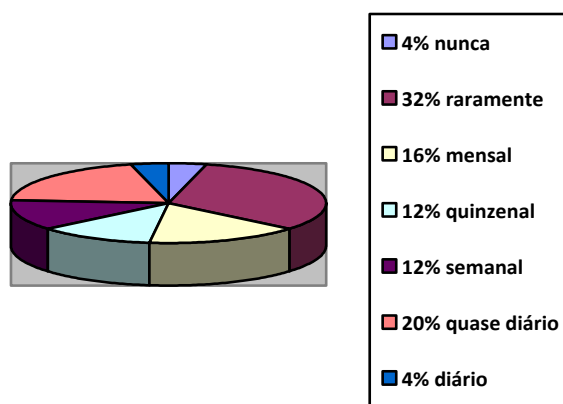


Gráfico 2: Frequência de acesso à blogs de Biblioteconomia

Em seguida, foi indagado se os estudantes já haviam utilizado algum blog de Biblioteconomia como fonte de informação para pesquisas. 84% responderam afirmativamente, e 16% deram resposta negativa, como consta no Gráfico 3:

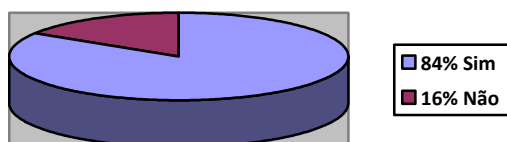


Gráfico 3: Utilização de blogs de Biblioteconomia para pesquisas

Depois, foi questionado aos alunos se eles já haviam encontrado conteúdo relevante em blogs de Biblioteconomia. 84% afirmaram que sim, e 16% que não, conforme o Gráfico 4:

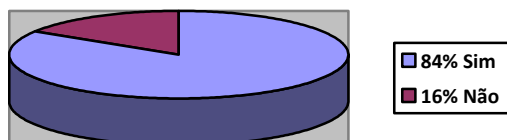
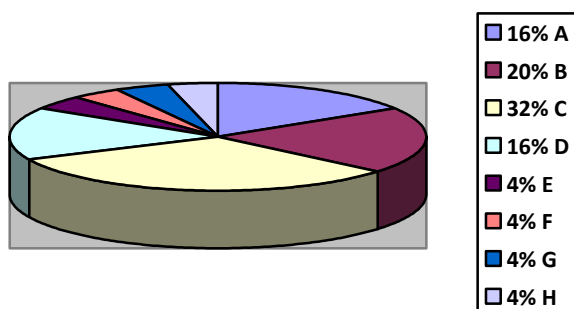


Gráfico 4: Relevância em blogs de Biblioteconomia

Finalmente, foi pedido para os estudantes citarem um blog especializado em Biblioteconomia que eles considerassem mais confiável e, conseqüentemente, que fosse acessado com mais frequência por eles. Os blogs mencionados se encontram no Gráfico 5 a seguir:



Legenda:

A - A biblioteca do bibliotecário

B - A informação

C - Bibliotecários sem fronteiras

D - Biblioteconomia para concursos

E - Coisa de bibliotecário

F - De olho na CI

G - InfoBCI

H - Mundo bibliotecário

Gráfico 5: Blogs de Biblioteconomia mais acessados

De acordo com o gráfico 5, dois dos blogs mais citados como sendo os mais acessados pelos questionados foram “A Informação”, do qual o professor Murilo Cunha é colaborador, e “Biblioteca do Bibliotecário”, que é mantido por ele. Diante disso, realizamos uma entrevista com o professor Murilo a respeito do assunto (vide apêndice B).

Ele explicou que escolheu a ferramenta blog para compartilhar informações sobre Biblioteconomia porque “ela é fácil de ser usada, com custo zero, rápida na publicação e o acesso é público para todos que consultam a internet”.

Segundo o professor, o primeiro blog que usou foi “A informação”, criado em 2005 e editado por seis profissionais do Brasil e de Portugal, incluindo ele. Em 2005, eram poucos os blogs de Biblioteconomia; hoje são centenas, muitos deles com conteúdo relevante e confiável. “É claro que, similar às outras ferramentas na web, também existe material irrelevante. O leitor, aos poucos, vai separando o joio do trigo e somente as atividades sérias, com conteúdos relevantes, é que sobrevivem.” - afirmou o editor.

No blog “A Informação” os conteúdos são mais gerais, enquanto no blog “Biblioteca do Bibliotecário” o foco é em conteúdos mais voltados ao

bibliotecário brasileiro. No segundo, que é de total responsabilidade do professor Murilo, a escolha das pautas é influenciada por vários fatores, como: leituras de periódicos da área, participações em comissões editoriais de revistas, em listas de discussão e em movimentos associativos, e até mesmo conversas. “Tudo isso faz com que eu esteja a par de muita coisa que está acontecendo na Biblioteconomia brasileira e no exterior.” - Explicitou o entrevistado.

8 Conclusão

Após análise dos resultados obtidos, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, pois se comprovou que blogs de Biblioteconomia são utilizados como fonte de informação pela maioria dos estudantes da área. Além disso, verificou-se a confiabilidade e a relevância de informações contidas em blogs especializados em Biblioteconomia.

Portanto, a pesquisa, em consonância com a revisão de literatura analisada, constatou que os blogs são ferramentas cada vez mais populares nos dias de hoje, desde a vertente acadêmica até os mais diversos fins. Sua objetividade, facilidade de uso e visibilidade a tornam uma aplicação útil e eficaz nas mais variadas áreas, especificamente na Biblioteconomia.

Como forma de aprofundamento no tema apresentado, sugere-se, para estudos futuros, a pesquisa de um possível crescimento ou diminuição no uso de blogs de Biblioteconomia como fontes de informação, devido à importância desse recurso, como relatado neste trabalho.

9 Referências

BARRETO, Aldo. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e a prática. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. 266 p.

BLOOD, Rebecca. **Blogs**: a history and perspective. Rebecca's Pocket. set. 2000. Disponível em: <www.rebeccablood.net/essays/blog_history.html>. Acesso em: 28 fev. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CAMPOS, Carlita Maria. **Fontes de informação especializada**: características e utilização. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004. 325 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Cordelia Robalinho. **Da Alexandria do Egito a Alexandria do espaço**: um exercício de revisão de literatura. Brasília: Thesaurus, 1996. 229 p.

CENDÓN, Beatriz Valadares. et al. Coord.: Marlene de Oliveira. **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 143 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. Blogs da Biblioteconomia: novo potencial para a atualização profissional. **A Informação**. nov. 2009. Disponível em: <<http://tinyurl.com/czaclhd>>. Acesso em: 28 fev. 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1991. 118 p.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência.** Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 196 p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação.** 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.

LÈVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

MC GARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação:** uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.

MC QUAIL, Denis. **Communication models for the study of mass communication.** 2 ed. Londres: Longman, 1993.

MEADOWS, J. Comunicação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 2, jul./dez. 2001.

MIRANDA, Antonio. **Ciência da informação:** teoria e metodologia de uma área em expansão. Org.: Elmira Simeão. Brasília: Thesaurus, 2003. 212 p.

OLIVEIRA, W. S; PINTO, T. L. **Biblioteconomia do presente:** novos conceitos e desafios. jan. 2011. Disponível em: <<http://tinyurl.com/canr9g6>>. Acesso em: 28 fev. 2013.

ORIHUELA, O. I. R. et al. **Blogs:** revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 195 p.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero** v.5, n.5, out. 2004.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. In: VII Seminário Internacional da Comunicação, 2003. Porto Alegre. **Anais...**

RECUERO, Raquel. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. In: VII Seminário Internacional de Comunicação, 2002. Porto Alegre. **Anais...**

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. In: V Seminário Internacional de Comunicação, 2001. Porto Alegre. **Anais...**

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 245 p.

SETZER, V. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramaZero**, n. 0, dez. 1999.

SILVA, Inara Souza da. **Weblog como fonte de informação para jornalistas**. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

SILVA, J. A. Barbosa. Blogs: múltiplas utilizações e um conceito. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - BH/MG – 2 a 6 set. 2003. **Anais...**

SOUSA, Paulo Jorge. et al. A blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação. **Cadernos BAD**, Lisboa, v. 1, p. 87- 136, 2007.

SOUZA, Sebastião de. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 14, n. 2, n. 2, jul./dez. 1986.

TOMAÉL, M. I. et al. Fontes de informação da internet. In: Seminário Nacional de Bibliotecas da América Latina, 11, Florianópolis: UFSC, 2000. **Anais...**

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário

1. Você costuma ler conteúdos de blogs?
Sim () Não ()
 2. Em caso afirmativo, com que frequência você costuma acessar blogs relacionados à Biblioteconomia?

() Nunca acessei
() Raramente acesso
() Acesso uma vez por mês
() Acesso duas vezes por mês
() Acesso uma vez por semana
() Acesso mais de uma vez por semana
() Acesso diariamente
 3. Já utilizou algum blog de Biblioteconomia como fonte de informação para pesquisas?
Sim () Não ()
 4. Encontrou conteúdo relevante em blogs de Biblioteconomia?
Sim () Não ()
 5. Cite um blog especializado em Biblioteconomia que você considere mais confiável ou que acesse mais frequentemente. (Opcional)
-

Apêndice B - Entrevista

1. Por que a escolha da ferramenta *blog* para compartilhar informações sobre Biblioteconomia?
2. O senhor costumava acessar *blogs* de Biblioteconomia antes de criar o seu? Ou acha que havia uma escassez de blogs de qualidade nessa área?
3. O senhor, como professor, acha que os *blogs* de Biblioteconomia têm conteúdo relevante e confiável para pesquisas sobre o assunto?
4. Como é feita a escolha das pautas e das fontes de onde serão retiradas as informações a serem tratadas no *blog*?